



EMPREENDEDORISMO

A saída pelos negócios

Dos beneficiários do Bolsa Família, 7,3% são microempreendedores individuais. E 87% deles querem se formalizar

» ISAÍAS MONTEIRO

"Sai do que a Dilma chama de linha de pobreza", resumiu a manicure Fabiana Marques, 34 anos, moradora do Recanto das Emas, ao contar a mudança recente na sua vida. Microempreendedora individual há três anos, ela deixou o Bolsa Família, ao não se recadastrar no programa no início deste ano. "Não vi necessidade de continuar, nem quis mentir sobre a minha renda", contou.

Estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), divulgado no início deste mês, cruzou dados de famílias atendidas pelo programa assistencial e registros de microempreendedores individuais (MEIs). Foram identificados 103 mil empreendedores assistidos pelo Bolsa Família, o que significa 7,3% do total de atendidos. As regiões Nordeste e Sudeste, líderes em participação no programa, estão à frente, também, no número de pessoas que atendem os dois critérios. Com 43% da população no Bolsa Família, por exemplo, a Bahia reúne sozinha 15,7 mil dos empreendedores sondados, a maior soma.

A capital do país fica em último lugar em participação relativa ex-beneficiários empreendedores. Tem 2,5%, menos da metade do índice nacional. Santa Catarina, em penúltimo, tem 2,9%, segundo Rafael de Farias, analista de gestão estratégica do Sebrae e autor do artigo que relacionou os dois programas. "Como os dados foram coletados em 2011, tanto o índice regional quanto o nacional

podem ser atualmente melhores", ponderou Farias.

Em 2011, eram aproximadamente 1,4 milhão de microempreendedores cadastrados, enquanto o total do ano corrente chegou a 2,7 milhões em fevereiro. "Estimo que o percentual nacional hoje esteja em torno de 10%", justifica Farias, mestrando em economia pela Universidade de Brasília (UnB). Seriam atualmente, por essa conta, cerca de 300 mil pessoas dentro do perfil MEI. "O principal motivador dos micros tem sido vantagens da regularização do negócio. Ser formal dá mais chances de crescer."

A posição desfavorável do Distrito Federal é resultado da defasagem dos dados, afirmou Daniel Seidel, titular da Secretaria de Desenvolvimento e Transferência de Renda (Sedest), gestora do Bolsa Família no DF. "Dobramos o número. Eram 660 pessoas em ambos os programas e, em 2012, chegamos a 1.107. Devemos subir o índice para 5% até o fim do ano", afirmou. "E há um processo de empreendedorismo coletivo não incluído no método do estudo. Atendemos 30 cooperativas ao menos", disse.

Outras questões, porém, deixam o DF na lanterna. Entre elas, diz Seidel, está o custo de vida da região. "Em poder de compra, os R\$140 dados pelo programa representam em Brasília menos do que em Roraima", comparou. "Encargos pesados formam uma barreira para quem quer montar o próprio negócio. O empreendedor precisa de capital de giro e, para um atendido pelo Bolsa Família, não sobra para investir no próprio negócio", disse o secretário.

Gustavo Moreno/CE/DA Press - 10/5/13



» Retrato do país

Número total dos microempreendedores totais e os do Bolsa Família por estado

Acre	5.688	689	12,1%
Alagoas	17.808	2.894	16,2%
Amazonas	16.845	2.233	13,2%
Amapá	5.174	442	8,5%
Bahia	121.097	15.717	12,9%
Ceará	39.474	5.531	14,0%
Distrito Federal	26.357	660	2,5%
Espírito Santo	1.895	34.938	5,4%
Goias	53.571	3.704	6,9%
Maranhão	21.460	3.124	14,5%
Minas Gerais	136.337	7.759	5,6%
Mato Grosso do Sul	25.056	1.589	6,3%
Mato Grosso	29.467	1.936	6,5%
Pará	38.542	3.457	8,9%
Paralba	19.621	2.821	14,3%
Pernambuco	48.932	6.626	13,5%
Piauí	11.939	1.666	13,9%
Paraná	71.686	3.945	5,5%
Rio de Janeiro	179.175	10.330	5,7%
Rio Grande do Norte	20.135	2.511	12,4%
Rondônia	12.641	1.052	8,3%
Roraima	3.380	553	16,3%
Rio Grande do Sul	76.765	4.588	5,9%
Santa Catarina	45.798	1.355	2,9%
Sergipe	10.923	1.402	12,8%
São Paulo	309.702	12.543	4,0%
Tocantins	13.893	1.605	11,3%
Brasil	1.396.404	102.627	7,3%



Sai do que a Dilma chama de linha de pobreza. Não vi necessidade de continuar (no Bolsa Família), nem quis mentir sobre a minha renda"

Fabiana Marques,
dona de um salão em Recanto das Emas

Meta de se aposentar

A manicure Fabiana Marques tornou-se microempreendedora em primeiro lugar por preocupação com a aposentadoria. "Tem gente que, depois de trabalhar 30 anos, não tem nada. Ela montou o próprio salão, mais tarde transferido para a casa onde mora com o marido, o filho de 12 anos e a filha de 16. "Com os R\$ 600 que eu pagava por mês de aluguel, agora posso comprar uma porta nova", exemplificou ela. Outras mudanças ajudaram a deixar o Bolsa Família. "A renda da família cresceu. Meu marido teve aumento de salário, minha filha virou jovem aprendiz (programa de capacitação)", contou.

Apesar de histórias de sucesso como a de Fabiana, muitos empreendedores temem a

formalização. Entre as causas para o baixo índice no Distrito Federal, estão burlas ao cadastro, de acordo com o diretor de atendimento da Secretaria de Micro e Pequena Empresa do DF, Elias da Rocha. "Há quem prefira não fazer (o cadastro), ou colocar no nome de algum parente. É uma saída que estão tomando para driblar a situação", relatou.

Registro

Por si só, o registro como microempreendedor individual não exclui o participante do Bolsa Família, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, responsável pelo programa. São levados em conta os critérios de renda em seu conjunto.

Ajuda à inovação

A considerar a intenção dos microempreendedores do Bolsa Família, os negócios no país poderão crescer muito em qualidade: 87% dos entrevistados no estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) declarou que pretende se formalizar.

Esse crescimento poderá beneficiar a economia de todo o país, aponta Mauro Oddo, técnico de planejamento e pesquisa do Ipea, coautor em dois dos artigos sobre o empreendedorismo entre os beneficiários.

"Empreendimentos de micro e pequeno porte (MPEs), limitados a 99 funcionários, contribuem para que inovações se espalhem por diferentes camadas da população", disse Oddo.

Mesmo sem se dedicar formalmente à pesquisa, negócios

de pequeno porte adquirem muitos produtos produzidos pelos maiores, além de incorporar seus processos. "O conhecimento de uma empresa, com uma tecnologia nova, transborda para o resto da economia", disse Oddo. Mesmo sem produzir tablets, um restaurante, por exemplo, pode usá-los para melhorar o atendimento ao cliente.

Políticas públicas

Com base nessa ideia, o pesquisador questiona estímulos do governo à fusão de laboratórios farmacêuticos de médio porte. "Existe uma tendência, até em políticas públicas, de privilegiar conglomerados. Talvez, em vez de criar grandes laboratórios, seja melhor para o país incentivar um conjunto de pequenos", pontuou. "Desse modo, cada um deles buscaria brechas, o que diversificaria o cenário. Inovação é dar trinta tiros para acertar um."

"As microempresas precisam ser vistas como parceiras do desenvolvimento, parte delas a maior parte do crescimento", disse Cristina Castro-Lucas, coordenadora de extensão do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (CDT-UnB). Com dois doutorados, sobre inovação e empreendedorismo, ela sugere que empreendedores busquem competências para poder competir a nível internacional. "Sem inovação, não vamos conseguir passar para o outro lado do globo: o dos países desenvolvidos."



O conhecimento de uma empresa, com uma tecnologia nova, transborda para o resto da economia"

Mauro Oddo,
técnico do Ipea e
coautor do estudo sobre
empreendedorismo